



A Luta Pela Água

O Dr. ABEL WOLMAN

Professor da Universidade Johns Hopkins — mostra como a trágica falta de água que afeta milhões de vidas, pode ser atenuada.

Uma torneira de água no banheiro ou na cozinha de uma casa moderna é a própria simplicidade. Prática e firme, a torneira incorpora princípios mecânicos há séculos conhecidos. Vira-se a torneira para um lado e a água pura corre. Vira-se para o outro e a água para. Não há mistérios técnicos em torno da torneira ou de qualquer outra parte de um sistema que fornece a água limpa indispensável à higiene pública. Entretanto, torneiras de qualquer espécie são inexistentes em milhões de lares nas Américas.

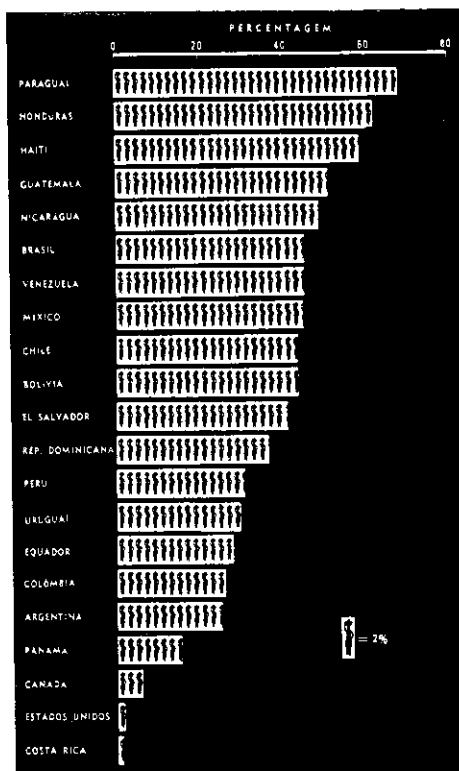
Num cálculo conservador, menos de 50% da população da América Latina têm atualmente abastecimento de água potável, sob pressão, de fontes de pronto acesso. Por outro lado, o abastecimento de água não está acompanhando o crescimento da população.

Desde 1950, cerca de mais 21 milhões de pessoas foram beneficiadas com um suprimento de água limpa, mas o crescimento da população durante o mesmo período foi de mais de 30 milhões. Ao todo, atualmente, 100 milhões de pessoas, no mínimo, carecem de serviços de água na região. Esse número poderá chegar a 150 milhões em 1980, se as tendências atuais não tomarem outro rumo com o desenvolvimento de outras fontes de abastecimento e um acentuado aumento da construção de redes de encanamentos.

Até nos Estados Unidos, como salientou o Presidente Kennedy, as reservas de água pura estão diminuindo e já se deu início ao aproveitamento da água do mar. Na maior parte dos casos, porém, a América do Norte dispõe de água suficiente para atender às suas necessidades atuais e de amplos meios de tratá-la e distribuí-la. No resto do hemisfério, na maioria dos países da América Central e do Sul, o fornecimento insuficiente de

água pura constitui um problema higiênico de proporções alarmantes.

Não se pode esperar que as pessoas se mantenham limpas nem gozem saúde sem água. Os serviços de águas e esgotos têm uma relação inevitável com a propagação do tifo e das doenças diarréicas, cujas



Percentagem da população sem serviços de água em localidades de 2.000 ou mais habitantes, 1958

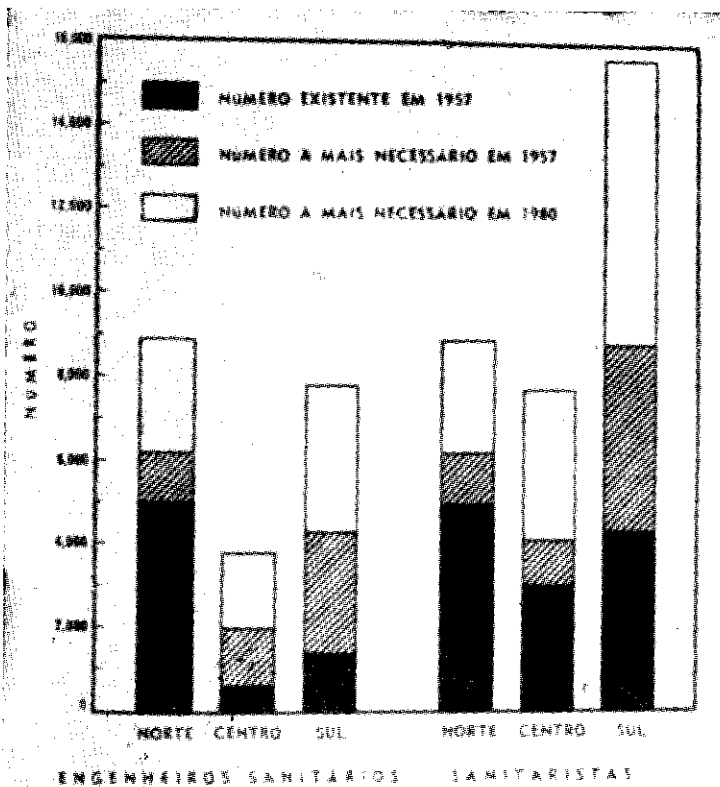
vítimas mais freqüentes são as crianças já debilitadas pela desnutrição. Conquanto faltem às vezes estatísticas corretas, os índices da mortalidade infantil na América Latina são muito mais elevados do que nos Estados Unidos e no Canadá. Em doze dos dezessete países da América Latina, as doenças diarréicas são a princi-

pal causa da morte de crianças de um a quatro anos. Nos outros países, as doenças diarréicas estão entre os cinco principais causas.

Custo em vidas humanas

A mortalidade infantil que pode ser atribuída às doenças diarréicas é excessivamente alta nos países da América Central. Em dois países da região, o índice para crianças de menos de cinco anos ultrapassou a relação de 1.000 por 100.000

crescimento industrial, essencial para uma economia em expansão, é severamente limitado. Nas cidades onde pouca ou nenhuma atenção se tem dado às crescentes necessidades de água, a pressão nos encanamentos pode cair perigosamente ou a água pode faltar de todo durante várias horas do dia. Um dos hotéis mais luxuosos da América Latina manda buscar de carro, bem longe, a sua água. Novos conjuntos residenciais com instalações sanitárias modernas ficam inabitados em vista da falta de água nos canos.



Um eficiente ataque ao problema da água exige não apenas dinheiro mas também mais pessoal técnico. O gráfico mostra o número de engenheiros sanitários e sanitaristas existentes em 1957, o número então necessário e o cálculo para 1980.

em 1955. Em outras palavras, mais de uma criança de menos de cinco anos em 100 morre todos os anos de doenças diarréicas. Esses índices são mais de sessenta vezes mais elevados do que os dos Estados Unidos e poderiam ser reduzidos significativamente, e até de maneira espetacular, com o amplo melhoramento do abastecimento de água.

• Não é esse aterrador custo em vidas humanas a consequência única de um abastecimento de água insuficiente. O

Por que é tão lento o progresso num setor cujos princípios técnicos básicos foram estabelecidos há muito tempo e continuam válidos? De modo geral, há três obstáculos: o psicológico, o político e o financeiro. Nenhum deles tem relação com a falta de água em si.

O obstáculo psicológico é a convicção muito espalhada de que a água do céu é um direito natural do homem e deve sempre ser gratuita. Essa noção impede os governos centrais e municipais de esta-

belecer tabelas de preços da água de acôrdo com a realidade e capazes de permitir o custeio dos serviços de purificação, filtração e distribuição. O obstáculo político é a relutância congênita e compreensível dos governos em provocar a antipatia do povo com o aumento do custo de vida em relação à água ou a qualquer outra mercadoria. O obstáculo financeiro consiste em que, enquanto os serviços de abastecimento de água não funcionarem numa base de auto-financiamento, é difícil ou impossível encontrar capital suficiente para melhorá-los ou para construir novas rêdes.

Há, sem dúvida, resistência à idéia de pagar água, mas talvez se exagere a extensão dessa resistência. O Dr. Abel Wolman, um dos engenheiros sanitários mais destacados da América, afirma que os governos municipais podem e devem convencer o povo de que a água é uma mercadoria vendável. Faz-se freqüentemente a objeção de que êsse conceito é contrário a padrões culturais arraigados e o Dr. Wolman está de acôrdo.

"Tudo o que fazemos contraria padrões culturais", diz êle, "mas o nosso esforço deliberado deve visar à efetivação de mudanças, pois do contrário não devemos esperar soluções".

Homem de voz calma cujos cabelos embranqueceram prematuramente há quarenta anos, o Dr. Wolman tem 69 anos e parece ter 50. Tem trabalhado no mundo inteiro como engenheiro consultor em abastecimento de água, é professor de Engenharia Sanitária e de Reservas de Água na Universidade Johns Hopkins em Baltimore, Maryland, e se mostra portador de um otimismo crônico.

"O aspecto mais animador do problema é que o povo está mais adiantado do que as autoridades sanitárias", diz o Dr. Wolman. "Sabe o que quer e bem pouca persuasão é necessária para a ampliação geral do abastecimento. Não é preciso ensinar o povo a ser limpo. Êle percorre grandes distâncias e emprega imensa energia para assim ficar nas melhores condições possíveis. A culpa é nossa, se não o pode fazer com mais facilidade".

Sirva-se da água

O Dr. Wolman tem uma resposta pronta para a escola da "água gratuita". "Acha que a água deve ser gratuita? Muito bem,

está com tôda a razão. Vá até o reservatório, que pode ficar a 20 ou 50 quilômetros da cidade, e sirva-se de tôda a água que puder transportar num dia".

Enquanto as taxas da água forem nominais ou inexistentes, faltará dinheiro para equipamento moderno. O Dr. Wolman citou uma capital sul-americana como exemplo. Com mais de um milhão de habitantes, a cidade sempre teve pouca água e nunca pôde dispor do capital para remediar a situação. Recentemente, porém, as taxas de água foram elevadas ao nível das despesas reais, embora essa decisão fôsse politicamente impopular. Agora, o serviço de água da cidade quase se financia por si e apenas 5% da população não são beneficiados por êle. Em outra capital, construiu-se um nôvo reservatório, com usina de filtração e adutora, como se está fazendo em outros centros urbanos de crescimento rápido.

Nos Estados Unidos, onde cêrca de 20.000 rêdes de abastecimentos públicas isoladas servem a mais de 110 milhões de pessoas, a atração dos investimentos não chega a ser problema. Os serviços de água têm até fama de ser um investimento privilegiado. Em constraste com isso, a receita da maioria dos serviços de águas da América Latina raramente cobre as despesas de manutenção. O investimento de capital em tais empresas tem pouca atração para investidores públicos ou privados.

"Muitos bilhões de dólares são necessários para o abastecimento de água no mundo inteiro", diz o Dr. Wolman. "Mas o investimento de capital não deve assustar ao ponto de fazer esquecer que as despesas podem ser cobertas de sobra pelas receitas, se as taxas estiverem de acôrdo com a realidade".

Às margens do reservatório

Por intermédio de intuições internacionais como a Organização Pan-Americana da Saúde, os governos estão recebendo ajuda para aplicar práticas comerciais sólidas no planejamento e administração dos serviços existentes e construção de novos. Estão também tendo assistência quanto aos métodos de financiamento de projetos de água.

"Há boa possibilidade de um fundo rotativo proveniente de um banco ou do governo, e que faça as vêzes de um banco

para financiar uma rede de abastecimento em base resgatável”, diz o Dr. Wolman. Entretanto, como outros técnicos e autoridades sanitárias, prefere de muito o financiamento de fontes locais, procuram do-se o dinheiro perto das margens do reservatório.

Há sempre escassez de engenheiros sanitários e de pessoal especializado. Atualmente, existem na América Latina oito escolas que preparam engenheiros sanitários, havendo evidente necessidade de muitas outras. Não obstante, o Dr. Wolman acha que muito se pode fazer com o pessoal ora existente. “Não há dúvida de que é grande a necessidade de maior e melhor preparação”, diz ele, “mas há

técnicos em número suficiente em quase todos os países para prestar desde já grandes serviços”.

Na opinião do Dr. Wolman, as proporções do trabalho a ser feito têm mudado com ainda maior rapidez do que o tamanho da população para quem — e por quem — deve êle ser feito.

“Há vinte e cinco anos, presumíamos que levar água a uma torneira na praça central de uma aldeia representava progresso. Hoje em dia, vemos o nosso objetivo de maneira diferente. Se não pudermos levar água à própria casa ou no mínimo a um quintal adjacente, não teremos simplesmente cumprido a nossa tarefa”. — (da “Saúde do Mundo” — 1961.